

SÃO LUIZ
TEATRO
MUNICIPAL

mani
festo
do
público

o público
vai ao
teatro

TEATRO MEIA VOLTA E DEPOIS À
ESQUERDA QUANDO EU DISSER

O público vai ao teatro

COORDENAÇÃO
ALFREDO MARTINS
ANABELA ALMEIDA
SARA DUARTE

CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEO
BEATRIZ TOMAZ

**Coprodução: teatro meia volta
e depois à esquerda quando eu disser
e São Luiz Teatro Municipal**

Parceiros: Escola Superior de Educação de Lisboa, Escola Básica e Secundária Passos Manuel e Junta de Freguesia de Arroios

PARTICIPANTES

Grupo Adultos

Ana Catarina Silva, Ana Correia Soares, Ana Teresa Magalhães, Carlos Silva, Catarina Correia Soares, Fernanda Silva, Fernando Borges, Isabel Correia, José Manuel Silva, Mariana Correia, Mónica Santos, Paula Antão, Raúl Andrade, Renata de Sousa Brites, Sara Campos, Susana Vargas Carolino, Tatiana Barata, Vanessa Almeida, Vera Silva, Zélia Borges.

Grupo Professores

Alda Areal, Ana Catarina Carvalho, Ana Oliveira, Carla Flores, Clara Agapito, David Silva, Evangelina Tomás, Inês Batista, Joana Marques, Margarida Silva, Maria do Céu Tavares, Maria Margarida Galvão, Miguel Brinca, Ricardo Correia, Rita Farto, Sara Rodrigues, Sofia Romão, Viviane Almeida.

Grupo Crianças

André Pedro, Beatriz Santos, Carolina Ferreira, David Rente, Dipika Kandel, Duarte Dias, Fatoumata Sow, Francisco Pereira, Marta Dias, Milan Chhetri, Nicole Ferreira, Pedro Martins, Pranjali Adhikari, Ricardo Abreu, Sindith Alam, Yassy Silva.

Professores que acompanham o grupo das crianças

Ana Calçada, Carla Pimenta, Heitor Santos, Mari Rodrigues

“O Público vai ao Teatro” é um projeto de desenvolvimento de públicos, dinamizado pelo teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser e pelo São Luiz Teatro Municipal.

Durante a temporada de 2016-2017, três grupos distintos – crianças, adultos e professores – acompanharam um programa específico que integrou diversas actividades, entre as quais visitas guiadas ao teatro, acompanhamento de espetáculos e ensaios e, ainda, encontros com as equipas criativas.

Ao longo destes encontros, os grupos de adultos e professores desenvolveram uma reflexão em torno dos seus hábitos de consumo cultural e da relação entre criação, receção e programação cultural. A partir deste trabalho, os participantes elaboraram uma carta dos direitos dos espectadores a que chamaram “Manifesto do Público”.

Este manifesto foi apresentado pelos participantes do projecto no dia 4 de Junho de 2017, no Jardim de Inverno, integrando o programa do evento “O Público recebe”.

PRÓLOGO

Todo o ser humano tem o direito de reconhecer-se enquanto público de manifestações artísticas.

A ausência prolongada de contacto com as artes do espetáculo pode gerar reações adversas e perigosas como a abstinência da inquietação, beleza, controvérsia e emoção.

Recomenda-se alertar que esta experiência, de ser público, poderá ser viciante e que, nem a realidade, e muito menos o quotidiano, servirão de antídoto. Ao contrário: há uma tendência forte de querer cada dia mais e melhor.

Este é o “Manifesto do Público”.
Sejam bem-vindos.

Este manifesto foi elaborado no contexto do projeto “O Público vai ao Teatro”. Tomámos o teatro e manifestamos a nossa vontade de ser público. Resistiremos nos nossos lugares, nas nossas cadeiras.

Gostaríamos que o nosso manifesto refletisse a pluralidade das opiniões de todos os participantes deste projeto e que fosse dito num tom mais provocativo do que autoritário.

Este manifesto está organizado em três atos: ato I – comédia, ato II – tragédia, e ato III – grande final. Entre cada ato, há um interlúdio.



COMÉDIA

Eu gosto de me sentir confortável

- descontraída
- inspirada
- desafiada
- envolvida
- embalada
- emocionada
- tocada
- surpreendida
- entretida
- cheia
- apaixonada
- provocada
- tentada
- esperançada
- estimulada
- noutra mundo
- noutra época
- musical
- dançante
- esvoaçante
- extasiada

Eu gosto de me sentir plateia.
Eu gosto de me sentir espectadora.

Gosto de me sentir fora de mim, como observadora de mim mesma, como se não tivesse de pensar.

Gosto de pensar que tenho razões para aplaudir.

Eu gosto de pensar que o mundo passa a ser apenas o que se passa no palco.

Eu gosto de me sentir desafiada pelos espetáculos, pelos artistas, pelo espaço, pela encenação, pelo tema.

Gosto de me sentir no meio do público, não só durante, mas também nos momentos anteriores ao espetáculo.

Eu gosto de me sentir confortável na sala de espetáculo.

Gosto de coisas lentas.

Gosto quando o mundo passa a ser apenas aquela sala, naquela peça.

Sempre que vou ao teatro penso que poderá ser desta que gosto mesmo da peça!

Penso que vou ter uma experiência única.

Que vou viajar no espaço e no tempo e nas pessoas.

Que vou entrar numa dimensão paralela.

Que posso ser surpreendido!

Ou que vou ver uma peça que vai ser inesquecível.

Sempre que vou ao teatro penso:

- antes: será que é desta que vejo uma peça que gosto?

- durante: não penso ou tento não pensar.

- depois: penso de forma analítica paralelamente ao entendimento das emoções experimentadas.

Eu penso muitas vezes que...

“tenho de ir à casa de banho antes de entrar na sala.”

Sempre que vou ao teatro penso: “e se houver uma falha séria, mas não grave, como vão resolvê-la em tempo real?” É o que eu penso.

Eu penso que eu adoro mesmo isto. Adoro o palco, os tetos trabalhados, a talha dourada, os lustres, o veludo dos assentos, as luzes, as cores, os brocados, os tapetes, os cristais, as cortinas, o papel de parede dos camarotes, as bambolinas, as quarteladas, as oficinas, a teia...

Sim, o teatro é muito bonito, mas não é isso que me interessa.

O que eu quero é que antes de vir ao teatro haja informação disponível, escrita de forma clara, que indique diversos aspetos, tais como:

- tipo de linguagem utilizada na peça (por exemplo, utilização de calão e palavrões, regionalismos, sotaques, se é em verso ou em prosa; se tem cenas de nudez parcial ou integral, consumos de estupefacientes, tabaco, álcool, etc; com recurso a uma classificação semelhante à utilizada no cinema);
- a língua em que a peça é apresentada, com indicação de recurso a legendas, se for o caso;
- duração da peça;
- especificidades do texto da peça (se é original, com indicação de autor e data, se é adaptado, inspirado, ficcionado, copiado, também com indicação do autor e data);

- informação complementar contextualizando a peça (de modo a que a parte do público não informada, possa adquirir conhecimento específico sobre a peça em questão);
- teasers que apresentem a peça tal como a peça é.

Eu quero:

- Cadeiras – confortáveis;
- Temperatura – agradável;
- Som – audível;
- Luz – a necessária;
- Legendas – legíveis e de qualidade;
- Tamanho de letra – adequado;
- Contraste – adequado;
- Velocidade – adequada;
- Tradução – competente;
- Relação palco/plateia;
- Estacionamento – muito; e próximo;
- Transportes públicos – acessíveis;
- Casas de banho – perfumadas;
- Bar/Cafetaria – com água e comida;
- Máquina automática – se tudo o resto falhar;
- Acessos adequados – para todos;
- Para pessoas com mobilidade física reduzida, incluindo cadeiras de rodas, saltos agulha ou coturnos.

Eu quero sentir-me especial, quero ser amada.

Eu também quero que me deem atenção, que me encaminhem ao lugar, me deem a folha de sala, me sentem num lugar especial.

Eu quero um lugar especial com a melhor vista para o palco, mas que vejam se eu, enquanto alta, não fico a perturbar ninguém!

Eu quero cartões de amigo.

Eu quero descontos em determinadas peças.

Eu quero mimos em datas especiais.

E lenços.

E quero que me sirvam um café quando chegar ao teatro.

Ou chá.

Uma água, pelo menos!

Quero aprender palavras novas.

Quero peças com diferentes ritmos.

Quero pagar por transferência bancária.

Quando comprar o bilhete, quero deixar o meu email e contacto telefónico. Quero receber informação personalizada, alertas sobre peças que eu talvez goste ou informações que me cativem.

Ou mensagens a dizer que, como veio x vezes ao teatro, lhe oferecemos um lugar especial! Que a sessão tem conversa após o espetáculo. E no dia da peça, quero receber um alerta via sms para não me esquecer que é o dia!

Eu adoro mesmo isto. Adoro o palco, os tetos trabalhados, a talha dourada, os lustres, o veludo dos assentos, as luzes, as cores, os brocados, os tapetes, os cristais, as cortinas, o papel de parede dos camarotes, as bambolinas, as quarteladas, as oficinas, a teia...



INTERLÚDIO

— Era tão engraçado se por uma noite, todos os espectadores do mundo fossem atores e os palcos ficassem cheios e as plateias vazias, não era?

— Hum hum...

— Era tão engraçado se não houvesse informação alguma sobre o espetáculo ou se houvesse informação completamente errada, não era?

— Hum hum...

— Era tão engraçado se o público de repente soubesse todo o texto que se segue, assim do nada e acompanhasse os atores. Não era?

— Hum hum...

— Era tão engraçado se houvessem sessões de degustação de alguns espetáculos.

— Hum hum...

— Era tão engraçado se a maioria da população fizesse parte do grupo dos maravilhados e não dos cansados.

— Hã?

— É Almada Negreiros!

— Era tão engraçado se fosse possível intervir na peça. Intervir de forma construtiva, percebendo, de algum modo, a dinâmica e pertinência da intervenção. A nível individual ou coletivo; por exemplo com a intervenção de um grupo organizado que criasse uma situação paralela, capaz de gerir o imponderável deste tipo de situação. Não era?

— Hum...

— Era tão engraçado se houvesse um espetáculo que não acabasse nunca!



TRAGÉDIA

Eu não gosto de peças brejeiras, salas frias e públicos “mortos”.

Eu não gosto de peças más, sem critério, de fazer só por fazer, de dramaturgos tontos, encenadores tontos, produtores tontos e atores coitados.

Eu não gosto de peças chatas, aborrecidas, sem contexto nenhum.

Eu não gosto de me sentir estúpida e ignorante, de peças inacabadas e mal conseguidas, peças pretensiosas.

Não gosto quando as peças não têm fim.

Folhas de sala que não informam.

Sinopses pomposas e armadas ao artístico.

Não gosto de desperdício de palavras sem acrescentar valor a quem leu.

Cartazes que não comunicam. Títulos auto-explicativos.

Eu não gosto de participar na peça, de sujar-me, eu não gosto de música demasiado alta.

Eu não gosto de legendas mal feitas, não gosto de ter de optar entre ler as legendas ou ver a ação que está a decorrer.

Eu não gosto de ter gente alta à minha frente.

Eu não gosto de não poder circular livremente por todo o espaço do teatro, ou não poder ficar no mesmo quando todo o público já saiu.

Eu não gosto de teatros cheios, não gosto de ir a estreias, não gosto de ouvir barulho enquanto decorre a peça.

Eu não gosto de público.

Não gosto de público que pega constantemente no telemóvel durante o espetáculo.

Não gosto de público que conversa durante o espetáculo.

Não gosto de público que faz comentários que supostamente ninguém ouve.

Aborrece-me gente a falar ao meu lado.

Ruídos incómodos.

Risos alarves.

Tosses secas.

Pessoas que desembrulham papéis de rebuçados.

Que mastigam pastilhas elásticas ou fazem balões.

Aborrece-me não ter espaço para as pernas.

Não ter espaço para os cotovelos.

Que me tapem a visão.

Aborrece-me quando a sala está muito quente ou muito fria.

Aborrece-me ter vontade de ver as horas a meio do espetáculo.

Aborrece-me ver espetáculos de 3 horas que podiam ter 2 horas.

Ou espetáculos feitos à pressa.

Aborrece-me o pretensiosismo de quem está a perceber o que os outros não estão a perceber.

Aborrece-me um guarda roupa que parece desleixado.

Aborrece-me pagar por um bilhete quando não gostei do espetáculo.

Aborreço-me quando as luzes se acendem e me pedem para sair.

Nós
como público
temos
direito a:

- ser respeitados pelos artistas;
- a entender o que estamos a assistir;
- temos direito a uma programação diversa;
- a pedir para a peça estar em cena mais tempo... ou para a reporem no ano seguinte;
- direito a horários mais variados;
- direito a que o espetáculo comece a horas, nem mais um minuto de tolerância;
- direito a escolher o melhor lugar para assistir aos espetáculos;
- temos o direito de nos deitarmos no chão quente e fofo.
- o direito a ver a plateia a partir do palco!

- nós, como público, temos direito a ver a reação do público;
- direito a anotar frases inteiras dos diálogos;
- direito aos grandes clássicos;
- direito a interpretar livremente;
- direito a não pensar;
- direito a não gostar;
- direito à não fidelização;
- direito a optar entre a ignorância total e o domínio da informação completa sobre a peça;
- direito a ter as ferramentas para decodificar;
- direito a receber informação sem ser inundado;
- direito a conversar com os atores ou a ficar, apenas, pelas personagens;
- direito ao silêncio;
- direito a não incomodar;
- direito de mudar de lugar;
- direito a dormir;
- direito a ser surpreendidos;
- direito a tossir;
- direito ao espanto;
- nós, como público, temos direito a sair.



INTERLÚDIO

Se eu mandasse neste teatro, vivia aqui.

Se eu mandasse neste teatro, abria a bilheteira de manhã e organizava reuniões para melhorar o mundo.

Se eu mandasse neste teatro, ele seria livre e as decisões deliberadas em assembleias com a escrita de manifestos mensais.

Se eu mandasse neste teatro, muito provavelmente iria dormir muito pouco. Parece-me uma coisa muito complexa de fazer. Criaria um tipo de evento em que algumas pessoas fossem convidadas a entrar numa sala, durante a manhã, por exemplo, e tivessem de improvisar uma “peça”, sem se conhecerem, sem saberem sequer ao que vão; numa estrutura muito dinâmica e aberta; eventualmente filmada; com ou sem atores profissionais, etc. Isto porque fico a pensar numa sala como a do São Luiz vazia durante tantas horas do dia e no tanto que se poderá fazer.

Se eu mandasse neste teatro, ia ser muito feliz.

Se eu mandasse neste teatro, sinceramente não sei o que faria, provavelmente dormia cá e dava grandes recompensas ao pessoal do “Público vai ao teatro”.

Se eu mandasse neste teatro, instituiria o dia de dormir no teatro.

Se eu mandasse neste teatro, vivia cá com os fantasmas das irmãs Gramática.

Se eu mandasse neste teatro... Shiiiiiiii!

Se eu mandasse neste teatro... Brrrrrrrrrr!

Se eu mandasse neste teatro... Hahaha!

Se eu mandasse neste teatro... Puuuuuuu!

Se eu mandasse neste teatro... Ui!

GRANDE FINAL

Um dia eu ainda hei de reunir um grupo-exército e invadir uma plateia.

Um dia eu ainda hei de ir ao teatro dia sim dia não; os dias em que não vou servem para sentir saudades de ir.

Um dia eu ainda vou aumentar a percentagem do Orçamento Geral do Estado para a cultura em Portugal.

Um dia haverá em todos os teatros uma figura equivalente a um anfitrião, ao vivo, não em voz off gravada, só para receber o público; pode simplesmente dizer que a peça vai começar e desejar a todos um bom espetáculo; assim, uma figura humana, só para criar a tal sensação de proximidade e de pertença.

Um dia eu ainda vou sair de um espetáculo a chorar ou com o maior sorriso do mundo.

Um dia eu ainda hei de convidar uma plateia inteira para assistir a um espetáculo.

Um dia hei de ser uma mecenas do teatro.

Um dia ainda haverá um teatro por artista e público para os encher a todos.

Um dia ainda vou ver um espetáculo que ficará na minha memória para sempre.

Um dia eu ainda vou trabalhar num teatro, passar os meus dias fechada no teatro, saber de cor os nomes das luzes, dos filtros, e toda a parafernália que existe no teatro.

Um dia ser público ainda será uma profissão legalmente reconhecida.

Viva o público!

Viva!

Vivam os espectadores!

Vivam!

Vivam as plateias de todo o mundo!

Vivam!

Viva quem vê!

Viva!

Vivamos nós! Nós! Nós! Nós!